

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS BAPTISTA MOUSINHO LINS

A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DEBATE DE
GÊNERO

NITERÓI

2017

LUCAS BAPTISTA MOUSINHO LINS

A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DEBATE DE
GÊNERO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. SÉRGIO RICARDO ABOUD DUTRA

LUCAS BAPTISTA MOUSINHO LINS

A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O DEBATE DE
GÊNERO

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau
de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em 11 de julho de 2017

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Prof. Ms. Sérgio Ricardo Aboud Dutra

Universidade Federal Fluminense - UFF

1ª Examinadora - Profª. Drª. Martha Lenora Queiroz Copolillo

Universidade Federal Fluminense - UFF

2ª Examinadora - Profª. Drª. Adriana Martins Correia

Universidade Federal Fluminense - UFF

NITERÓI

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me dado o dom da vida.

Aos meus pais Washington e Maria Isabel, que durante toda a minha vida se dedicaram a mim, me incentivaram e me proporcionaram oportunidades para que eu pudesse chegar até esse momento, fazendo de tudo por mim, com muito amor, carinho e paciência.

A toda minha família e amigos pelo incentivo e amizade.

A minha namorada Vitória, que esteve ao meu lado todo esse tempo, me incentivando e ajudando a não desistir e a seguir em frente.

Aos meus professores do curso de Educação Física – UFF que foram importantes em toda minha formação acadêmica, me proporcionando conhecimentos que levarei para o resto da minha vida.

Ao meu orientador e querido professor Sérgio Aboud, que me ajudou desde o início da minha graduação, onde tive o prazer de fazer além da monografia, cinco disciplinas, desde o segundo período até o último, com diversas brincadeiras e conselhos importantes para chegar até esse momento.

A todos meus amigos que fiz durante a graduação, onde levarei para o resto da minha vida. Foram momentos difíceis, mas também momentos engraçados que guardarei na minha memória. O companheirismo será eterno.

Acredito ter mencionado todas as pessoas que são as mais importantes na minha vida, que, de certa forma, direta ou indiretamente, me ajudaram a chegar até aqui, podem ter certeza que jamais esquecerei pelo que fizeram por mim. Enfim, a todos vocês, meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e debater situações que acabam por tornar as aulas de Educação Física divididas por sexo, onde algumas práticas esportivas como o futebol é jogado apenas pelos meninos e outras atividades mais utilizadas ao sexo feminino são destinados às meninas. Nesse sentido, entendo a importância do debate e da visão crítica sobre esse assunto, uma vez que este está cada vez mais presente nas aulas de Educação Física. Vale ressaltar que essa situação reflete a sociedade em que vivemos, levando lógicas e valores para dentro dos muros das escolas. Dessa forma, esse trabalho monográfico buscou opiniões de docentes de Educação Física das redes municipal e estadual de educação localizados em São Gonçalo e Rio de Janeiro acerca desse tema, mostrando o quanto é difícil implementar esse tema transversal no âmbito escolar, mas que também é de suma importância para a formação dos alunos como sujeitos críticos.

Palavras-chave: Gênero; Educação Física escolar; Sociedade.

ABSTRACT

The present work aims to present and debate situations that end up making Physical Education classes divided by sex, where some sports practices such as football are played only by boys and other activities more used to females are aimed at girls. In this sense, I understand the importance of the debate and critical view about this subject, since it is increasingly present in Physical Education classes. It is worth mentioning that this situation reflects the society in which we live, taking logic and values within the walls of schools. Thus, this monographic work sought the opinions of Physical Education teachers of the municipal and state education networks located in São Gonçalo and Rio de Janeiro on this theme, showing how difficult it is to implement this cross-cutting theme in school, but it is also important for the formation of students as critical subjects.

Keywords: Gender; Physical Education school; Society.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I.....	10
Contextualizando o Tema.....	10
Capítulo II	16
Relato de Experiência	16
Capítulo III.....	19
Procedimentos Metodológicos	19
Análise das Entrevistas	21
Considerações Finais	26
Referências Bibliográficas	29
Anexos.....	31
Questionário	31
Entrevistas Transcritas	32

INTRODUÇÃO

Da mesma forma em que a sociedade muda suas concepções e opiniões, seus objetos de estudo também mudam, principalmente se tratando da área de humanas. Dessa maneira, a Educação Física também mudou e se transformou muito com o passar dos anos e, conseqüentemente, a visão que se tem sobre essa área também vem se modificando. Levando em consideração que a escola acaba reproduzindo lógicas e valores do modelo da sociedade vigente, as aulas de Educação Física também são afetadas. Assim, as concepções de gênero são um aspecto muito questionado e criticado na sociedade, que se reproduz no âmbito escolar, e como não poderia deixar de ser, nas aulas práticas.

Ao longo dos anos, os conceitos e concepções vêm tendo diversas modificações e cada vez mais se tornam importante debates e estudos para se pensar as relações de gênero e construir meios e modos de incluir reflexões e práticas dentro das aulas de Educação Física a fim de incentivar um olhar crítico dos alunos em relação a esse tema.

O gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Destaca, ainda, que imbricadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas. (SOUSA; ALTMANN, 1999, p.3)

Portanto, ressaltamos que não é tão fácil introduzir esse assunto dentro do âmbito escolar, uma vez que esse tema é bastante atual em relação à sociedade tradicional em que vivemos. Lidar com essas diferenças e colocá-las em debate acabam por se tornar uma tarefa complicada. As aulas de Educação Física são um espaço propício para esse debate, pois é o momento onde essa dicotomia entre gêneros fica mais evidente.

Nesse sentido, o trabalho mostrará a importância que os profissionais de educação têm perante a sociedade, onde estes podem transformar, fazendo com que os alunos possam se tornar cidadãos críticos e mudar, de certa forma, a visão que se tem em relação à separação de gênero, promovendo mudanças para diminuir as diferenças que existem na sociedade.

Perante isso, para respondermos e alcançarmos a questão apresentada, enumeramos os seguintes objetivos específicos: a) Verificar os problemas que causam a dicotomia entre sexos na escola; b) Questionar concepções que tornam essa prática

presente nas aulas de Educação Física; e c) Através da pesquisa de campo, analisar opiniões de docentes acerca desse tema.

No primeiro capítulo será apresentada uma contextualização do tema abordado, relatando o porquê e como as questões de gênero são tratadas no âmbito escolar e também na sociedade, mostrando aspectos que auxiliam, mas que também dificultam trabalhar com esse assunto tão importante.

No segundo capítulo, haverá um relato de experiência, mostrando como esse tema despertou o interesse em escrevê-lo nesse trabalho monográfico e como influenciou na formação como futuro professor de Educação Física.

Já no terceiro capítulo, terá a explicação do procedimento metodológico, apresentando de qual maneira e como foi desenvolvido esse presente trabalho. Além disso, haverá uma análise de dados, discutindo as diversas questões que abrangem o tema gênero, dialogando com entrevistas realizadas com professores de Educação Física das redes municipal e estadual de educação do Rio de Janeiro, a fim de relatar como essa temática é tratada pela visão docente.

Dessa forma, esse estudo questionará e refletirá questões de gênero que adentram os muros da escola, onde o assunto é bastante atual e constantemente vem acontecendo situações que não são problematizadas pelos professores e acabam por gerar preconceitos e até exclusão de alunos nas aulas de Educação Física.

Entretanto, esse trabalho também mostrará quais são as dificuldades enfrentadas pelos professores nas escolas, onde há inúmeros obstáculos que fazem com que esse tema tão importante torna-se menos abordado.

Assim, a proposta do trabalho visa colocar em debate aspectos e situações que têm feito das aulas de Educação Física um espaço amplo para reflexões, tanto do cotidiano escolar quanto da sociedade em que vivemos.

CAPÍTULO I

Contextualizando o Tema

Tratar de questões de gênero nos dias atuais acaba sendo uma tarefa árdua, pois é um assunto que vem sendo discutido e debatido em diversos meios de comunicação, e para falar sobre esse tema, tem que estar bem informado e conectado com o que está a sua volta.

Essa tarefa torna-se cada vez mais difícil, uma vez que as relações de gênero e sexualidade foram social e culturalmente construídas há muitos anos, fazendo com que muitos ideais da sociedade se tornem, de certa forma, imutáveis.

O presente trabalho foi inicialmente desenvolvido por meio de observações das aulas de Educação Física, onde atuava como bolsista de uma escola da rede pública estadual em Niterói por meio do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Nessas aulas, a divisão por gênero era nítida durante as atividades e isso me chamava bastante atenção.

Nessas observações, percebi que as atividades tinham certa exclusão de meninas em relação aos meninos, uma vez que os meninos diziam que as meninas atrapalham, que com elas não podem ganhar. Além disso, até alguns meninos eram excluídos dessas práticas por considerarem não “tão bons”.

O sentir-se rejeitada nas aulas de educação física é facilmente explicável, pois a disciplina, até bem pouco tempo (e ainda hoje), se pautava por um modelo reducionista em que o corpo, a aptidão física e o desempenho eram os objetivos mais importantes. Nesse quadro, não havia espaço para as meninas ‘baixinhas e frágeis’, sobretudo quando a essas características somava-se a falta de habilidade; elas não tinham vez, não jogavam e nem praticavam esportes com suas colegas meninas e muito menos com os meninos. A prática esportiva privilegiava aquelas que tinham um bom desempenho e que eram aptas a praticar aquelas modalidades esportivas associadas à velocidade, força, impacto e resistência. (OLIVEIRA; VOLTRE, 2006, p. 182)

Isso reflete a sociedade em que vivemos nos dias atuais, onde o que prevalece é a gana em vencer e ter os melhores ao seu lado, sem ao menos dar oportunidades a todos que estão a sua volta.

Nesse sentido, há uma grande importância nas aulas de Educação Física para o debate sobre essas questões que permeiam na nossa sociedade atual, influenciando diretamente no cotidiano escolar, principalmente nas aulas de Educação Física, pois essas

situações ficam mais evidentes, uma vez que é trabalhado com o corpo e movimento, gerando assim uma aula de exclusão e corpos estereotipados.

Questões de gênero e sexualidade vão para além da divisão de meninas e meninos, por exemplo, a divisão dos banheiros. Essa relação vai por meio de lógicas, valores e atitudes dos alunos que adentram nos muros da escola, tanto nas salas de aula quando nas suas relações sociais.

As questões de gênero e sexualidade já vêm sendo discutida e sendo incluídas nos currículos escolares há muitos anos. De acordo com os PCN (1997), a temática sexualidade vem sendo incluídas nas aulas desde a década de 70, oriundo de comportamentos dos alunos na década de 60, com o começo de movimentos feministas por exemplo. Mas há registros que desde a década de 20 do século XX já havia discussões e debates com ênfase nesse assunto. Dessa forma, é nítido que as relações de gênero são um assunto de bastante relevância dentro do âmbito escolar desde sempre, apesar de não ser dada a devida importância.

A Constituição Federal de 1988, Art. 3º, define entre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, construir uma sociedade livre, justa e solidária e promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Dessa forma, o papel da escola torna-se mais que fundamental, pois é nela que parte da formação dos alunos é feita e com isso, os alunos carregam os conhecimentos e aprendizagens pela vida inteira, que vão para além dos muros da escola.

O Art. 3º da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96, afirma que o ensino deverá ser ministrado com princípios que devem ser baseados no respeito à liberdade e apreço à tolerância, mostrando que o ensino às diferenças deve ser lecionado na escola a fim de conscientizar e formar o aluno, evitando discriminações e exclusões.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, no seu Art. 16º, relata que o projeto político-pedagógico das escolas que ofertam o Ensino Médio deve considerar, em um dos seus tópicos, valorizar e promover os direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a

igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência, sob todas as formas.

Os PCN também defendem a inclusão da temática dentro das escolas no projeto político pedagógico, onde os educadores tem a habilitação de interagir com os alunos de uma forma comunicativa para tratar desse assunto que é tão importante para a construção de sua identidade. A proposta dos PCN legitima o papel dos educadores nessa área. Vale ressaltar que essa proposta trata as questões de gênero e sexualidade como tema transversal, que são conceitos e valores presentes na sociedade contemporânea.

A postura dos educadores em relação às questões de gênero deve ser de maneira plural e democrática, onde os mesmos devem ser mediadores de debates, enfatizando o respeito ao próximo, a valorização das individualidades e a participação de todos, desconstruindo preconceitos e a discriminação.

Nas aulas de Educação Física, essa dicotomia entre gênero fica nítida em alguns momentos, como relata os PCN (1997) que

Na Educação Física também pode acontecer de persistirem antigos estereótipos ligados ao gênero, como a separação rígida entre práticas esportivas e de lazer dirigidas a meninos e a meninas. O professor pode intervir para garantir as mesmas oportunidades de participação a ambos os sexos, ao mesmo tempo que respeita os interesses existentes entre seus alunos e alunas. (BRASIL, 1997, p.324)

A partir dessa problemática, a intervenção do professor, nesse caso, de Educação Física, torna-se essencial para abordar as situações observadas na aula, por meio de discussões e debates, trabalhar uma forma de aceitar as diferenças do próximo, por mais que seja uma situação conflituosa, mas é o início de um entendimento por parte dos alunos para refletir e questionar os estereótipos associados ao gênero.

Dessa forma, o professor de Educação Física poderia trabalhar com a lógica da co-educação, isto é, onde os alunos, de maneira geral, possam participar de todas as atividades propostas na aula o tempo inteiro, sem que haja a separação de meninos e meninas e que todos possam interagir ativamente.

A fala de Jesus e Devede (2006) reflete a importância da mesma, onde

Durante as aulas separadas, o docente tende a não dar a atenção necessária aos dois grupos simultaneamente, prejudicando o andamento e a qualidade da aula. Em escolas que não possuem ambiente físico adequado, alunos e alunas ficam

aguardando para alternarem o uso do espaço, enquanto se a EFe fosse organizada de forma Mista ou Co-educativa, ambos poderiam participar ativamente durante todo o período da aula. (p. 126-127)

Mas é essencial enfatizar que a concepção tradicional da Educação Física escolar ainda está presente em muitas aulas e nas falas e ações dos próprios professores, valorizando a competição, separação entre os sexos e exclusão por meio de habilidades motoras, onde o importante é a prática pela prática. Nessa perspectiva apresentada, a teoria da co-educação não existe, pois seus principais objetivos são compreender os princípios de solidariedade, respeito e tolerância ao próximo e auxiliar na formação crítica dos alunos.

Vale ressaltar que trabalhar com a teoria acima citada não é uma tarefa nada fácil para os professores, porém é importante considerar e contextualizar as atividades à realidade vivida pelos alunos (COLETIVO DE AUTORES, 1992), propondo debates e fazendo com que os alunos possam opinar, questionar e refletir situações vivenciadas nas aulas, com o intuito de repensar e transformar suas atitudes, e assim, desenvolver seu senso crítico.

Uma ferramenta fundamental para iniciar os debates sobre gênero na Educação Física escolar por meio desta teoria seria o futebol, pois é um esporte considerado por muitos como o mais popular do mundo e bastante presente no âmbito escolar e, por consequência, nas aulas de Educação Física. O futebol é um esporte que predomina na nossa sociedade, mexendo com a paixão de milhares de pessoas, porém, é visto como um esporte masculino, apesar de que nos últimos anos esse quadro vem mudando, mas ainda com pouquíssimo espaço para a prática feminina.

Dessa maneira, segundo Pereira e Devide (2008), é fundamental trabalhar essas situações de forma crítica, refletindo e questionando alguns valores como o respeito e igualdade de gênero, desconstruindo preconceitos e exclusão dos alunos nas aulas. Assim, o esporte torna-se um elemento primordial para enfatizar os debates sobre questões de gênero.

Para abordar questões de gênero nas aulas de Educação Física, principalmente quando o assunto é futebol, é bastante complexo, pois a prática dessa modalidade esportiva já é enraizada como masculina, e os alunos reproduzem o que eles sabem através dos meios de comunicação. Logo, o papel do professor se torna fundamental, uma

vez que ele tem que encontrar meios de transformar o conteúdo futebol, seja por meio de atividades lúdicas ou outro método, uma prática para todos os alunos jogarem, de forma assídua, independentemente do gênero e/ou das habilidades motoras que o aluno possui.

O método de atividades lúdicas nas aulas de Educação Física para tratar essa temática é o ideal para que todos os alunos possam vivenciar as atividades e participar de forma completa, sem exclusão, principalmente em relação ao futebol, como dito acima. Essa importância fica evidenciada na fala de Luckesi (2000), onde o mesmo diz que

[...] o que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. [...] Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além desta atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. [...] Brincar, jogar, agir ludicamente exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente ao mesmo tempo. (LUCKESI, 2000, p. 21).

Entretanto, não é tão simples abordar assuntos que são construídos social e culturalmente desde os primórdios e desconstruí-los nas aulas, pois envolve diversos valores da sociedade que são considerados imutáveis. Nesse sentido, a política interfere de forma considerável nos assuntos que adentram no âmbito escolar. Uma dessas interferências é a criação do movimento “Escola sem Partido” que visa combater o que consideram um processo de doutrinação ideológica nas escolas.

Esse movimento tem como proposta colocar cartazes em salas de aulas, tanto do ensino fundamental quanto no ensino médio, com os seguintes pontos:

- 1- O professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias;
- 2- O professor não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou a falta delas;
- 3- O professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas;
- 4- Ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos de forma justa - isto é, com a mesma profundidade e seriedade -, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito;

- 5- O professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebem a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.
- 6- O professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de terceiros, dentro da sala de aula.

Além disso, há Projetos de Lei, como o n° 20/2016, da cidade de Teresina/PI, que proíbe o debate sobre as questões de gênero nas escolas de educação básica da rede municipal da capital. Está presente nesse Projeto de Lei o artigo 1° que diz:

Fica proibida a distribuição, utilização, exposição, apresentação, recomendação, indicação e divulgação de livros, publicações, projetos, palestras, folders, cartazes, filmes, vídeos, faixas ou qualquer tipo de material, lúdico, didático ou paradidático, físico ou digital, contendo manifestações da ideologia de gênero nos estabelecimentos de ensino da rede pública municipal da cidade de Teresina. (2016)

Esse tipo de Projeto de Lei é só um exemplo de inúmeros que existem no Brasil inteiro, onde já foram criados alguns parecidos nos Estados de São Paulo e de Minas Gerais. Através desse exemplo, fica nítida a contradição entre os PCN, LDB e Diretrizes Curriculares Nacionais com os Projetos de Lei criados por vereadores, uma vez que uma parte legitima e o outro proíbe os professores a tratar assuntos que são de extrema relevância na sociedade. Deve ser observado também que o próprio governo se contradiz, uma vez que em sua Constituição Federal, apoia esse tema na sociedade.

Assim, fica claro que o debate sobre questões de gênero no âmbito escolar é de extrema relevância para a sociedade vigente, principalmente se tratando da Educação Física escolar, onde são reproduzidos preconceitos e estereótipos que precisam ser vistos com um olhar mais amplo e crítico a fim de desconstruí-los e ressignificá-los. Porém, há alguns empecilhos que dificultam a execução dessa proposta para dentro da escola, como já citados.

CAPÍTULO II

Relato de Experiência

Antes de qualquer argumento, é importante relatar o que significa a palavra "experiência", que vem do latim *experiri*, isto é, provar, experimentar. A experiência é a relação com algo que se experimenta, que se prova. Através da definição dada, nesse capítulo, venho relatar minhas experiências vividas nesses anos em que estou na graduação em Educação Física, mostrando situações em que estive presente e o porquê de o tema gênero me chamar tanto à atenção, mostrando minha relação com essa temática abordada neste trabalho.

Dessa forma, a definição dada por Heidegger (1987) explicita de forma clara o que pretendo escrever nesse capítulo, onde ele diz que:

"[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo". (p. 143)

Assim, durante quase toda a minha graduação, eu atuei no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), que é um programa que visa proporcionar aos alunos que fazem cursos de licenciatura a atuarem nas escolas públicas, a fim de vivenciarem o cotidiano escolar e começarem a lecionar como futuros professores, que seremos. Além disso, atuei em escolas vinculadas a UFF relacionadas das disciplinas de PPE (Pesquisa e Prática de Ensino), que foram 4 (quatro), onde lecionei em todos os segmentos da educação básica.

Atuei em uma instituição estadual e em uma instituição municipal de educação, localizadas nos bairros de Santa Rosa e de Icaraí, em Niterói. Meu tempo de atuação nesses colégios, ao todo, foi mais de três anos, onde pude perceber todo o cotidiano escolar e dos alunos que lá estudam.

Nesse programa, trabalhei com turmas de primeiro e segundo segmentos do ensino fundamental e ensino médio. À medida que as aulas iam passando, percebi que os alunos acabavam reproduzindo alguns valores que a sociedade transmite, onde é nítida a

separação entre meninos e meninas, desde os mais novos até os mais velhos, principalmente relacionada aos esportes e jogos nas aulas de Educação Física, especialmente, o futebol.

Nesse sentido, vi que essa dicotomia entre gêneros era uma questão muito importante que deveria ser trabalhada. Sendo assim, comecei a planejar as aulas, junto com outros bolsistas PIBID e junto também com a professora supervisora do programa, aulas que visassem trabalhar com a teoria da co-educação, como já foi apresentada durante esta monografia.

Todo o início de trabalho era complicado, pois muitos alunos não aceitavam a ideia de aulas mistas e ratificavam que os meninos deveriam fazer uma atividade e as meninas outro tipo de atividade.

Dentre todas as atividades e conteúdos desenvolvidos, o futebol foi o conteúdo mais difícil de trabalhar, visto que é um esporte titulado masculino pela sociedade e que meninas não deveriam jogar, onde muitas que jogam são chamadas de “menininho”. Entretanto, esse conteúdo foi uma excelente maneira de trabalhar as questões de gênero de forma mais assídua.

No decorrer das aulas, várias atividades foram propostas com o intuito de transformar o futebol tradicional em lúdico, valorizando a participação de todos os alunos e deixando de lado a competição. Com adaptações de regras, materiais alternativos e maneiras diferentes de se jogar, os alunos começaram a perceber que é possível o jogar futebol, com a participação de meninos e meninas.

Dessa forma, naquele primeiro momento, onde muitos alunos reclamavam que não queriam misturar meninos e meninas, pelo lado dos meninos o futebol era apenas um esporte masculino e pelo lado das meninas, os meninos eram muito agressivos e não davam espaço e oportunidades para jogar, deu lugar a uma nova perspectiva, de que se pode fazer uma aula co-educativa, apesar de toda a dificuldade.

Bem como nas escolas em que trabalhei pelo PIBID, nas disciplinas de estágio obrigatório, as PPE, também atuei em diversas escolas e em diferentes segmentos de ensino. Nessas instituições, também percebi que as concepções relacionadas ao gênero eram bem similares, onde os alunos queriam que as aulas fossem divididas em meninos e

meninas, pelos mesmos motivos apresentados no decorrer desse capítulo. Como essas atitudes eram bastante recorrentes, foi um tema que me atraiu e que me fez ir, cada vez mais, atrás de informações e conhecimentos.

Através dessas observações e vivências ao longo desses anos, resolvi escrever um artigo, junto com minha amiga e pedagoga formada na UFF, Verônica Mattedi, que foi publicado na Revista Digital EF Deportes em 2015, relatando minha experiência lecionando aulas de Educação Física com enfoque nos debates de gênero relacionando com a pedagogia, cujo título é “Gênero e Educação Física: a importância dessa relação no âmbito escolar”, onde buscamos entender o porquê da separação das aulas de Educação Física por sexo.

Os estudos de gênero na Educação Física escolar foram um tema que me chamou muito a atenção, com todas as minhas observações e vivências, como aluno e futuro professor de Educação Física, fazendo com que eu procurasse entender o porquê de certos fatos que acontecem nas aulas.

Nessa perspectiva, vou levar essa metodologia para dentro da sala de aula e tentar passar uma visão diferenciada da Educação Física escolar aos alunos, mostrando que, apesar de todos os valores construídos social e historicamente pela sociedade, é possível lecionar conteúdos que possam juntar meninos e meninas, sem exclusão ou distinção de gênero ou estereótipo.

CAPÍTULO III

Procedimentos Metodológicos

Esse estudo procura dialogar através de questionário com professores de Educação Física da rede pública de ensino acerca desse tema. Além disso, o trabalho se baseia em referenciais teóricos para embasar e fundamentar o objeto de estudo em questão.

Utilizaremos um método de análise que nos permita compreender e responder às questões abordadas, de forma crítica e ampla, atendendo aos objetivos da pesquisa, onde acreditamos que o método qualitativo seja o ideal, uma vez que essa pesquisa tem por objetivo entender a realidade vivida pelos entrevistados que dificilmente pode ser analisadas através de números. (MINAYO, 2010)

Assim, foi utilizado como método de análise das entrevistas, a Análise de Conteúdos de Bardin (1977) para identificarmos as categorias do estudo. Através da leitura das respostas dadas pelos entrevistados, buscamos destacar questões essenciais ao objetivo do estudo.

Como ferramenta principal para a coleta de dados, a entrevista foi escolhida e considerada ideal para esse tipo de trabalho, uma vez que esta é uma maneira na qual o entrevistador e o entrevistado possam interagir, tendo contado pessoal e relação mais estreita. Vale ressaltar que a entrevista é uma forma de chegar “mais perto” do problema, onde é possível observar os aspectos em questão na perspectiva dos sujeitos. (LÜDKE & ANDRÉ, 1986)

Os participantes convidados foram 3 (três) professores de Educação Física da rede pública de educação, sendo 1 (um) professor e 2 (duas) professoras, atuantes em escolas municipal e estadual, localizadas nos municípios de São Gonçalo e do Rio de Janeiro.

O questionário foi estruturado com perguntas abertas aos entrevistados, onde as questões abordadas estão diretamente relacionadas ao tema discutido. No questionário, havia 6 (seis) questões a serem respondidas pelos professores, presentes no anexo. Os professores responderam as perguntas de forma escrita.

Vale ressaltar que os entrevistados ficaram à vontade para relatar suas respectivas opiniões, deixando claro sua visão, sem qualquer interferência e/ou influência. Antes que as entrevistas fossem feitas foi garantido a eles total sigilo e anonimato em relação às suas identidades.

Análise das Entrevistas

Partindo da análise feita através das entrevistas com os professores, percebi que os mesmos, de forma geral, falaram que acreditam que seja importante trabalhar as questões de gênero no âmbito escolar, relatando que debates e discussões sejam uma ferramenta para a conscientização das diferenças, como diz o professor 2:

“Acredito que a discussão sobre a questão de gênero seja importante nas escolas a fim de conscientizar os jovens sobre as diferenças individuais e necessidade de respeito”.

Porém, é essencial antes de qualquer discussão, entender o que significa o tema em questão, no caso desse trabalho, falar sobre questões de gênero. Nesse sentido, fica-se entendido que gênero é definido pelas diferenças sexuais, isto é, em masculino e feminino, onde diz o professor 1 que *“gênero reporta-se a questão masculina e feminina. Na escola, meninos e meninas”*. Já o professor 3 completa que gênero é *“o que identifica e diferencia homens e mulheres”*.

Como já dito no trabalho, é evidente que as relações de gênero foram social e culturalmente construídas ao passar do tempo e suas características são refletidas na sociedade em que vivemos, onde é definido o que “pode e/ou não pode” fazer, dependendo do sexo. Isto é, fica pré-estabelecido conceitos que o homem e a mulher podem fazer.

Através disso, acaba gerando certos preconceitos quando uma pessoa do gênero oposto faz algo que é estabelecido como característica do outro gênero. Exemplificando essa situação, quando um homem usa uma blusa rosa. Nesse exemplo, fica em evidência a cor rosa, onde por muito tempo foi historicamente construído que é uma cor feminina. Complementando com outro exemplo relatado pelo professor 3, onde diz que:

“A maioria dos alunos traz enraizada a questão de meninos brincam de bola e menina de boneca. Menino joga futebol e menina queimada e quando um quer “ocupar” o lugar do outro, logo é taxado como homossexual”.

Dessa forma, lógicas e valores que são gerados na sociedade vigente, também são reproduzidos dentro dos muros das escolas, inclusive, vale ressaltar que as escolas são instituições sociais fundamentais para a formação da sociedade. Cury (1995) fala que a

escola tem importante papel para a sociedade enquanto o objetivo for criar relações entre os sujeitos e a sociedade.

Nas aulas de Educação Física ficam mais evidente as diferenças entre os sexos, principalmente pelas diferenças fisiológicas, onde a Educação Física trabalha com o corpo e movimento. Assim, a tendência é que os alunos se separem por sexo, ainda mais quando as atividades são feitas em grupo.

“[...] A sociedade é dividida entre “coisas para homem e para mulher” e isso nos é ensinado desde sempre. Hoje em dia, discute-se mais nisso, porém ainda é uma cultura bem forte e presente. Durante as aulas de Educação Física naturalmente os grupos dividem-se em meninos e meninas, isso fica bem evidenciado quando solicitamos formação de grupos. Os alunos automaticamente dividem-se por gêneros”. (Professor 2)

Conforme o exemplo dado acima, onde foi mencionada em relação à cor, que retrata bem as diferenças entre gêneros na sociedade, na escola, especificadamente nas aulas de Educação Física, também ocorrem esses tipos de preconceitos. Exemplificando, o futebol. Esse esporte é tradicionalmente considerado uma prática do sexo masculino. Porém, se alguma menina quiser praticar o mesmo, acaba sendo discriminada por tal ato. É o que ressalta o professor 1, onde diz que *“[...]a sociedade ainda trata de forma pré-conceitual o aspecto de gênero e as orientações sexuais, principalmente as que fogem ao tradicional [...]”*.

Para tratar dessas questões e conscientizar e ampliar a visão de mundo dos alunos, nas aulas de Educação Física tem que haver espaço para gerar debates, críticas, reflexões e questionamentos em relação a esse tema transversal. Nesse sentido, analisando as entrevistas, fica claro que os professores acreditam nessa forma de trabalho e através desses debates, podem sim gerar outras formas de pensar.

“[...] Acredito que a reflexão sobre este tema e a prática de atividades elencando estes temas podem gerar atitudes de bom senso”. (Professor 1)

Entretanto, nem sempre é possível trabalhar com essas questões, ora por falta de interesse dos alunos, ora pelas adversidades presentes no cotidiano escolar, ou apenas por falta de oportunidade, como fala o professor 2, onde *“[...] ainda não tive a oportunidade de realizar nenhum debate sobre o tema”*.

Outra forma de trabalhar as questões de gênero na escola é um planejamento interdisciplinar, onde essa forma de trabalhar seria de essencial importância para debater o tema proposto, pois a escola, de uma maneira geral, iria abordar essa temática em discussões e projetos, mostrando aos alunos o quão é fundamental compreender essas relações na sociedade na qual estão inseridos. O professor 1 diz também que *“desenvolver trabalhos em conjunto é importante para mostrar aos alunos uma unanimidade docente em relação ao assunto”*.

Dessa forma, mostra-se que

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos (BRASIL, 2000, p.75).

Os PCN para o Ensino Médio relatam que

Essa integração entre as disciplinas para buscar compreender, prever e transformar a realidade aproxima-se daquilo que Piaget chama de estruturas subjacentes. O autor destaca um aspecto importante nesse caso: a compreensão dessas estruturas subjacentes não dispensa o conhecimento especializado, ao contrário. Somente o domínio de uma dada área permite superar o conhecimento meramente descritivo para captar suas conexões com outras áreas do saber na busca de explicações (BRASIL, 2000, p.76).

Assim, os professores citaram nas entrevistas diversas ideias e opiniões de como seria possível trabalhar esse tema em projetos interdisciplinares, como na fala abaixo.

“[...] ciências abordariam as questões biológicas, químicas e fisiológicas que levam um indivíduo a não se reconhecer no corpo que possui, a Educação Física auxilia na aceitação, reconhecimento e cuidados com esse corpo. Na História poderia trabalhar as questões sociais ao longo dos anos em relação ao tema. Matemática, com gráficas e estatísticas sobre o quantitativo de pessoas na mesma situação e assim cada disciplina, segundo suas características, abordariam o tema que, inclusive, pode resultar num proveitoso projeto”. (Professor 2)

Como citado pelo professor 2, todas disciplinas juntas, cada um com suas características, poderiam resultar em um “proveitoso projeto”, integrado com a escola inteira. Assim, a fala do professor 1 exemplifica quais são as possibilidades de confecção de projetos.

“[...] Feiras, concursos de poesias, torneios e outras atividades podem ser utilizados pela equipe”.

Porém, há inúmeros obstáculos que atrapalham a execução de um trabalho interdisciplinar. Para que esse projeto ocorra, precisa de todo o envolvimento da escola para alcançar esse objetivo. Todos os professores, direção, coordenação, funcionários e até os pais dos alunos. Todo esse envolvimento é importante para mostrar o quanto é essencial esse tema, não só para dentro dos muros da escola, mas também para a sociedade. Tal fato fica evidente nos PCN (2000), onde diz que

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção são processos que requerem um conhecimento que vai além da descrição da realidade e mobiliza competências cognitivas para deduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado (BRASIL, 2000, p.76).

Outro aspecto que devem ser levado em consideração, tratando do tema gênero nas escolas, são os vários projetos de lei criados em alguns Estados brasileiros nos últimos anos, onde é proibido abordar essa temática nas salas de aula, utilizando qualquer material didático, mesmo sendo amparado pelos PCN, por exemplo. O professor 3 diz que essa situação é

“[...] um retrocesso, pois discutir esses temas é mostrar que podem existir igualdade e respeito na sociedade e na escola, sendo a escola um lugar onde se forma diversas relações sociais. Com essa discussão na escola podemos evitar o preconceito e ódio que pode gerar violência”.

A fala do professor 1, enfatiza a opinião relatada acima, onde diz também que é

“Um retrocesso, mostrando, mais uma vez, a falta de sintonia entre a sociedade e a classe política”.

Analisando essa fala, fica nítido que a política influencia consideravelmente na educação, em muitas das vezes, de maneira negativa, desmotivando e inibindo qualquer forma de conhecimento para a formação do sujeito crítico.

Logo, é possível perceber que é importantíssimo e essencial na formação dos alunos trabalhar as questões de gênero que permeiam o âmbito escolar. Entretanto, há alguns obstáculos que dificultam a implementação desse tema nas escolas.

Mesmo com tantos obstáculos, onde há muitos preconceitos e conceitos construídos pela sociedade, os professores relataram diversas formas de abordar essas questões, tanto nas suas aulas, onde os mesmos afirmaram que essas situações ficam mais propícias de acontecer, quanto um trabalho interdisciplinar, que englobaria toda a escola e a comunidade.

Dessa forma, torna-se fundamentalmente importante o apoio a todos os professores, para que os mesmos possam, em suas aulas, tratar as questões de gênero, sem quaisquer restrições, a fim de ajudar na conscientização dos alunos em relação aos direitos iguais entre os sexos e diminuir o pensamento e atitudes preconceituosas que ainda existem, para que, desenvolvam seu senso crítico, observem e reflitam o que acontece na sociedade em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a discussão dos dados expostos neste trabalho monográfico, fazemos uma avaliação final, o que não significa o fim da pesquisa, pois entendemos ser uma monografia ainda com pouco espaço de exploração para esta temática que demanda uma atenção e estudos mais profundos, uma vez que não é a intenção desse trabalho responder todas as perguntas, mas sim contribuir com reflexões e pensamentos para que essas questões sejam tratadas com mais atenção, identificar e indicar quais são os pontos principais a serem trabalhados e levados em consideração.

Como já dito no início desse trabalho, conceitos e concepções de gênero e sexualidade foram construídos há bastante tempo, fazendo com que sejam quase imutáveis e tratar essas questões no âmbito escolar é uma tarefa nada fácil para os professores, principalmente, nas aulas de Educação Física, onde essas questões ficam mais nítidas.

Essa tarefa fica ainda mais difícil quando projetos de lei são criados a fim de acabar com esse tipo de conhecimento, inibindo ainda mais o papel do professor na escola, mesmo sendo amparado pelos PCN, LDB e Diretrizes Curriculares Nacionais e, principalmente, da própria Constituição Federal.

Com isso, ressaltamos a importância de se trabalhar o conceito de co-educação pelo professor em suas atividades, uma vez que é um excelente modo de inserir todos os alunos no mesmo patamar nas aulas de Educação Física, independentemente de gênero, e que todos possam participar de forma ativa das atividades propostas.

Através dessa concepção de ensino, o jogo de futebol seria um bom conteúdo para se trabalhar as questões de gênero, principalmente com atividades lúdicas, onde a intenção é não valorizar a competitividade e nem o mais apto, mas sim a participação dos alunos e o mais pertinente, fazendo-os entender que não deve existir essa separação de gênero, pois todos podem participar das atividades, independentes de quais sejam.

Outro aspecto importante a se observar no futebol como conteúdo das aulas de Educação Física para tratar as questões de gênero é que esse esporte é considerado uma prática masculina e que as mulheres não tem muito espaço. Assim, seria uma forma de mostrar que esses conceitos estão ultrapassados e que há espaço para todos.

Diante disso, acreditamos que o papel do professor de Educação Física é essencial ao trabalhar estas questões através de debates e atividades lúdicas. Por exemplo, é possível praticar o futebol de forma que possa englobar todos os alunos, independentemente de estereótipo ou gênero.

Não podemos esquecer que as aulas devem ter espaço para se trabalhar, por meio de debates, conversas informais e textos informativos, a respeito de temas como a diferença entre ser mulher e ser homem, a discriminação social e os aspectos biológicos envolvidos.

Através das entrevistas dos professores, é notória a importância dos mesmos na elaboração desse trabalho, pois identificamos questões essenciais, nos ajudando a entender como eles veem, enquanto atores no processo, esse tema transversal que permeia o âmbito escolar. A temática de gênero merece ganhar cada vez mais destaque e atenção nas produções acadêmicas e discussões na área de conhecimento, mesmo sendo um assunto tão presente no cotidiano escolar e até mesmo, na sociedade em que vivemos.

Vale ressaltar que as opiniões dadas pelos professores entrevistados ajudam-nos a embasar e mostrar que um assunto tão presente na escola, onde deve ser dado mais visibilidade e comprometimento, mesmo que essas situações sejam propícias a acontecer nas aulas de Educação Física, toda a escola junto com a sociedade tem que fazer parte da formação desses alunos.

Como já citado durante o trabalho, a ideia desse trabalho foi desenvolvida por meio de observações e experiências que obtive durante toda a graduação, onde esse tema transversal me chamou bastante a atenção, tanto por ser algo comum e presente nas aulas de Educação Física, quanto à importância para a formação do aluno na sociedade.

Como resultado dessa ideia, além desse trabalho monográfico, fiz um artigo cujo nome é “Gênero e Educação Física: A importância dessa relação no âmbito escolar”, junto com a pedagoga Verônica Mattedi, a fim de mostrar e relatar o quanto é essencial abordar esse tema e o quanto está presente dentro da escola.

Mesmo com essas produções acadêmicas, volto a ressaltar que se deve cada vez mais produzir materiais acadêmicos, visando transformar esse tema mais amplo e com

embasamento teórico que defenda os novos conceitos e concepções que permeiam no âmbito escolar.

Assim, concluímos que as aulas de Educação Física poderão colaborar para uma pequena e inicial mudança de paradigmas, onde as questões como preconceito e exclusão se trabalhados desde cedo, a valorização das diferentes culturas e o diálogo professor/aluno mais igualitário e respeitoso poderão ser alguns dos passos que propiciarão a transformação das relações entre homens e mulheres e, conseqüentemente, transformações nas relações da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 5 de outubro de 1988**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11697014/artigo-3-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. Acessado em: 20/04/2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: resolução nº 2, de 30 de janeiro 2012**. Disponível em: <http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/resolucao_ceb_002_30012012.pdf>. Acessado em: 20/04/2017.

BRASIL. **Escola Sem Partido**. Disponível em: <<http://www.programaescolasempartido.org>>. Acessado em: 20/04/2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394/96**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acessado em: 20/04/2017. Acessado em: 20/04/2017.

BRASIL. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 285-336.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: bases legais**. Brasília: MEC, 2000.

CÂMARA DE VEREADORES DE TERESINA. Notícias. **Projeto que proíbe debate de gênero na escola gera polêmica em Teresina**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/03/projeto-que-proibe-debate-de-genero-na-escola-gera-polemica-em-teresina.html>>. Acessado em: 03/02/2017.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. SP: Cortez Autores Associados, 1992.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

HEIDEGGER, M. La esencia del habla. *In*: _____. **De camino al habla**. Barcelona: Edicionaes del Serbal, 1987.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, 2006.

LINS, L. B. M.; MATTEDI, V. Gênero e Educação Física: a importância dessa relação no âmbito escolar. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 20, n. 206, 2015. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd206/genero-e-educacao-fisica-no-ambito-escolar.htm>>.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

LUCKESI, C. C. **Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras: uma Proposta Pedagógica a partir da Biossíntese**. Ludopedagogia, Salvador, BA: UFBA/FACED/PPGE, v. 1, p. 9-42, 2000.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).

OLIVIERA, F. F.; VOLTRE, S. J. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, 2006.

PEREIRA, V. C. A.; DEVIDE, F. P. Futebol como conteúdo generificado: uma possibilidade para rediscutir as relações de gênero. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano. 12, n. 118, p. 1 - 9. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd118/futebol-como-conteudo-generificado.htm>>. Acessado em: 28/01/2017.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, 1999.

ANEXOS

Questionário

1. O que você entende em relação ao conceito “gênero”?
2. Muitas referências são adotadas em concursos públicos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais. Neles são abordados alguns temas transversais, como a orientação sexual. Qual sua opinião em relação a isso?
3. Você acredita que às questões de gênero construídas social e historicamente influenciam para dentro dos muros da escola? E em relação às aulas de Educação Física, essas situações ficam mais propícias de acontecer? Por quê?
4. Você acredita que os debates nas aulas de Educação Física sejam importantes para a discussão de gênero? Se sim, como você faz isso?
5. Um trabalho interdisciplinar seria possível para abordar as questões de gênero? Como?
6. O que você pensa em relação aos projetos de lei que proíbem as discussões de gênero e sexualidade nas escolas?

Entrevistas Transcritas

Professor 1:

1. Gênero reporta-se a questão masculina e feminina. Na escola, meninos e meninas.
2. Importante, pois a sociedade ainda trata de forma pré-conceitual o aspecto de gênero e as orientações sexuais, principalmente as que fogem ao tradicional. Neste sentido, discutir esses aspectos na escola torna-se imperioso.
3. Sim, acredito, pois a escola é uma célula da sociedade. Nas aulas de Educação Física também acontecem questões de gênero pelos mesmos motivos que retratei acima.
4. Sim. Acredito que a reflexão sobre este tema e a prática de atividades elencando estes temas podem gerar atitudes de bom senso.
5. Sem dúvida. Todas as disciplinas individualmente passam pelas mesmas situações de gênero. Desenvolver trabalhos em conjunto é importante para mostrar aos alunos uma unanimidade docente em relação ao assunto. Feiras, concursos de poesias, torneios e outras atividades podem ser utilizados pela equipe.
6. Um retrocesso, mostrando, mais uma vez, a falta de sintonia entre a sociedade e a classe política.

Professor 2:

1. O termo gênero refere-se ao conjunto de características similares num grupo de seres ou objetos. No caso de seres humanos, refere-se a homem e mulher / masculino e feminino. Identidade de gênero refere-se à forma como o indivíduo se reconhece independente do corpo que possua.
2. Acredito que a discussão sobre a questão de gênero seja importante nas escolas a fim de conscientizar os jovens sobre as diferenças individuais e necessidade de respeito.
3. Sem dúvida. A sociedade é dividida entre “coisas para homem e para mulher” e isso nos é ensinado desde sempre. Hoje em dia, discute-se mais nisso, porém ainda é uma cultura bem forte e presente. Durante as aulas de Educação Física naturalmente os grupos dividem-se em meninos e meninas, isso fica bem evidenciado quando solicitamos formação de grupos. Os alunos automaticamente dividem-se por gêneros.

4. Sim, porém ainda não tive a oportunidade de realizar nenhum debate sobre o tema.
5. Sim. Enquanto ciências abordariam as questões biológicas, químicas e fisiológicas que levam um indivíduo a não se reconhecer no corpo que possui, a Educação Física auxilia na aceitação, reconhecimento e cuidados com esse corpo. Na História poderia trabalhar as questões sociais ao longo dos anos em relação ao tema. Matemática, com gráficas e estatísticas sobre o quantitativo de pessoas na mesma situação e assim cada disciplina, segundo suas características, abordariam o tema que, inclusive, pode resultar num proveitoso projeto.
6. Acredito que o projeto seja devido às cartilhas que estavam circulando na internet há um tempo. Não estou muito por dentro do projeto. Não concordo com a cartilha, porém, acredito que um trabalho de conscientização seja de extrema importância sim.

Professor 3:

1. O que identifica e diferencia homens e mulheres.
2. É uma questão de afeto, sentimento, desejos, identidade de gênero e deve ser trabalhada como assunto de reflexão, aumento de solidariedade e respeito.
3. Sim, sim. A maioria dos alunos traz enraizada a questão de meninos brincam de bola e menina de boneca. Menino joga futebol e menina queimada e quando um quer “ocupar” o lugar do outro, logo é taxado como homossexual.
4. Sim. Apresentando os inúmeros casos de atletas que seguiram carreiras e se destacam em modalidades esportivas ditas do sexo oposto.
5. Sim. Trabalhando comparando antigamente e atualmente, como era a vida, como se vestiam, trabalho, escolha de profissão, as brincadeiras, a divisão de responsabilidade em casa entre meninos e meninas.
6. Acho um retrocesso, pois discutir esses temas é mostrar que podem existir igualdade e respeito na sociedade e na escola, sendo a escola um lugar onde se forma diversas relações sociais. Com essa discussão na escola podemos evitar o preconceito e ódio que pode gerar violência.